

NARRATIVA ÉPICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS

Ana Maria de Moura Nogueira*

Resumo

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro recebeu grande quantidade de imigrantes, em parte devido à substituição do trabalho escravo. Niterói, capital da província, também absorveu parte desse contingente de trabalhadores, cuja maioria vinha de Portugal. Esses imigrantes cresceram junto com a cidade, imprimindo no espaço urbano a marca de sua história. Focalizamos o estabelecimento do imigrante português no meio urbano entre 1900 e 1930 e o crescimento da colônia, que aconteceu paralelamente ao amadurecimento da cidade. Partimos da memória que se construiu a respeito de personagens de algumas famílias que investiram na construção de sociedades beneficentes. Procuramos observar sua atuação na comunidade imigrante lusa de Niterói nos anos 20 e 30 e a construção da imagem moderna e positiva do imigrante português, associada às suas atividades como trabalhador e fundador de associações

Abstract

How was the process of building social identities in the Portuguese immigrant colony of Niterói? What was its relationship to the construction of the memory about the Portuguese immigration to the city? We attempted to work on the tension between this historical process and the memory, which re-edits the epic discourse. Thus, the narrative of the immigrants' descendants is based on their symbolic heritage. The city of Niterói received, in the early 20th century, a huge immigration wave. Most of the immigrants came from Portugal and helped to shape the city's modernization. The European immigrants were considered a modern labor force at that moment, when Brazilian society was shaping its own new Republican identity. The Portuguese immigrant community of Niterói has a long past history, having participated in the construction activities which took place between the final decades of the 19th century and the beginning of the 20th century. The Portuguese also dominated part of the local commerce and provided a large part of the

* Doutoranda em História Social pelo Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

beneficentes. Nossa principal fonte para reconstruir esse processo imigratório foram depoimentos orais. Ao contar suas histórias e a de seus antepassados, os narradores constroem um personagem mítico, com elementos do imaginário sobre o herói conquistador, modelo para a própria comunidade de descendentes. Procuramos relacionar o processo de formação de identidades sociais numa parte da colônia portuguesa de Niterói com a elaboração da memória sobre a imigração lusa na cidade. Trabalhamos a tensão entre este processo, que é histórico, e os relatos (a memória) que resgatam a épica, numa apropriação dessa herança imaterial pelos descendentes de imigrantes hoje, em Niterói. Para explorar essa dimensão arquetípica, comparamos os depoimentos orais e escritos com outros tipos de narrativa: um romance e dois relatos épicos.

Palavras-chave

Imigração; memória; identidade social; narrativas; história oral.

A viagem do herói

O mar o trouxera do Porto para tentar nestas terras do Brasil uma nova vida. Atrás ficava a aldeia e as tristes recordações de infância (...)
A entrada da baía da Guanabara naquela manhã reluzente de sol fora um deslumbramento para seus olhos de adolescente. O azul forte do céu e o intenso verde da vegetação que cobria os morros e bondejava grande parte da costa, as linhas sinuosas que desenhava no mar a própria geografia da enseada, a brancura das casas e das igrejas, o colorido das roupas, o ruído dos pregões, a agitação do porto, tudo o cativou. Nunca vira um lugar tão lindo, tão exuberante, tão cheio de cor. O sangue lhe correu mais rápido nas veias e o coração lhe bateu mais forte. Era ali que iria viver. Era ali que queria ficar. O tio que seguisse para São Paulo. Ele terminava ali sua viagem. O seu destino era aquela cidade que o conquistara à primeira vista¹.

1 M. L. Alba, *Travessia*, Paraguaí, Ed. Al Augur, 1994, pp. 23-32.

local commerce and provided a large part of the labor force for all sorts of services. The Portuguese colony development occurred side by side with Niterói's urban growth. In this text, we have worked with the "constructed" memory of this process, using as the main sources the oral testimonies of Portuguese immigrants or their descendants, as well as a biographical novel written by an immigrant's daughter. We focused on two groups of the immigrant colony: one organized itself around the building of the Portuguese Beneficent Society (Hospital) and the other around the Musical Beneficent Society. Our aim was to identify, in the narratives, the elements on which they had built their social identities. The memories of these groups are barred by their experience in a foreign land and as they re-construct their trajectories, they are also creating a new history of the immigration process. Their narratives, we argue, are shaped with the elements of the epic discourse, focusing on the Portuguese character of the conqueror, which relates to the expansionist period of the 16th century.

Key-words

Immigration; memory; social identity; narratives; real history.

Esta narrativa, trecho de um romance biográfico escrito por uma filha de imigrantes, conta uma das inúmeras histórias sobre a imigração portuguesa para o Brasil neste início de século, com seus ingredientes de fantasia e expectativa pela mudança de vida, além da idealização presente na própria descrição da paisagem. A nossa história também começa neste período, descrito como “a idade de ouro” de Niterói, considerado o de maior imigração para a região.

A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, no início do século recebia grande quantidade de imigrantes, em função da substituição do trabalho escravo. Niterói, capital da província, também absorveu parte desse contingente de trabalhadores, cuja maioria vinha de Portugal: o recenseamento de 1920 para Niterói indica uma população de 73.367 habitantes, dos quais 12.656 estrangeiros e dentre esses 9.488 portugueses. O período 1900-1920 foi o de maior fluxo de entrada de portugueses no Brasil: entre 1901-10 foram 218.193, de 1911 a 1920, foram 321.507. Entre 1921-1930 este número cai para 286.772².

Esses imigrantes cresceram junto com a cidade, imprimindo no espaço urbano a marca de sua história. Foi uma época em que as famílias em Portugal angariavam recursos entre os parentes para mandar os filhos ao novo mundo. A experiência de ouvir as histórias contadas sobre a trajetória de pioneiros imigrantes nos revelou seu aspecto múltiplo e até contraditório, instigando-nos a procurar a lógica interna dessas narrativas, que parecem refletir a identidade dos depoentes. Percebemos que ao contar a história dos antepassados, ou a sua própria, eles constroem um personagem mítico com elementos do imaginário sobre o herói-conquistador-pioneiro, modelo para a própria comunidade de descendentes.

Escrevendo sobre a emigração portuguesa nos séculos XIX e XX, Míriam Pereira sugere que ela “foi o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva”³. A frase chama a atenção pela simplicidade com que consegue explicitar a importância das histórias de vida para a compreensão do conjunto das realizações humanas no processo histórico. Essa idéia sintetiza nosso ponto de vista na abordagem do tema, procurando articular o movimento inexorável das transformações sociais à particularidade do ritmo dos indivíduos, para entender a dinâmica do conjunto. Pois, se é verdade que os homens agem pressionados por circunstâncias, também se

2 Dados do IBGE, referentes à entrada de imigrantes no Brasil entre 1900/1930, Rio de Janeiro, 1997.

3 M. H. Pereira, *A política portuguesa de emigração*, Lisboa, A Regra do Jogo, p. 9.

pode dizer que eles elaboram essas pressões de acordo com o instrumental que possuem, forjado pela experiência de gerações e transmitido pelas tradições da comunidade da qual fazem parte.

Nosso ponto de partida foi o estabelecimento do imigrante português no meio urbano entre 1900 e 1930 e o crescimento da colônia, que aconteceu paralelamente ao amadurecimento da cidade, num processo combinado que, acreditamos, acabou por atribuir à modernidade niteroiense características de seu principal grupo de imigrantes. Nossa base foi a memória que se construiu a respeito de personagens de algumas famílias que investiram na construção de *espaços de memória*⁴ que, ao nosso ver, representam amostras importantes, porque socialmente visíveis, desse próprio grupo de imigrantes. Procuramos observar sua atuação na comunidade imigrante lusa de Niterói, nos anos 20 e 30, e a construção da imagem moderna e positiva do imigrante português, associada a suas atividades como trabalhador e fundador de associações beneficentes: a Sociedade Portuguesa de Beneficência (Hospital Santa Cruz) e o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, escolhidos como eixos por terem mobilizado um grupo de pessoas, que se pode considerar como uma “geração”, em torno de um projeto coletivo. Representam espaços essenciais para a construção da memória da cidade, que se confunde com a da própria comunidade portuguesa, estreitamente vinculada ao processo de modernização dos anos 20 na cidade. Além disso, elas serviram como elemento de formação de suas identidades sociais, integrando o imigrante na comunidade e afirmando sua identidade étnica. Fazer a história dessa memória materializada no espaço urbano, onde o poder público atua, mas os indivíduos deixam sua marca, significa trabalhar com as representações da comunidade, fazendo delas também o objeto de investigação. A partir da documentação dessas entidades e de algumas entrevistas iniciais, identificamos os depoentes que nos “apresentaram” a história de seus antepassados pioneiros. A partir desses relatos, reconstruímos as trajetórias.

O Hospital Santa Cruz, inaugurado em 1930, foi criado a partir da transformação do Centro da Colônia Portuguesa, que se organizou em 1904, em Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói, de caráter claramente assistencialista. Começou a ser idealizado em 1919, mas as obras só foram concluídas em 1930. Isso aconteceu antes da reforma Carlos Chagas, numa época em que a população urbana contava basicamente

4 Hospital Santa Cruz, da Sociedade Portuguesa de Beneficência, construído no centro de Niterói e o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, no bairro da Ponta d'Areia.

com associações mutualistas para socorrê-la. Foi construído no centro político da cidade, ao lado da Biblioteca Municipal e próximo ao prédio da Prefeitura, formando um núcleo que caracteriza a modernização de Niterói no início do século. Escolhemos duas personagens ligadas à construção do Hospital Santa Cruz: o Sr. Albano, natural do Porto, criado na cidade, que imigrou em 1904, aos 21 anos, cuja história de vida foi contada pela filha Ana e pelas netas Alba e Ani. O outro personagem é o Sr. João Manoel, que chegou ao Brasil também na primeira década do século, aos 25 anos; sua trajetória foi contada pelo filho Waldir.

O Centro Musical foi fundado em 1929, no bairro da Ponta d'Areia. Servia como único espaço de lazer de um bairro que vivia em função dos vários estaleiros que empregavam a mão-de-obra imigrante, conhecido também como "Portugal pequeno", da mesma forma que outro centro portuário do estado do Rio de Janeiro, o bairro carioca da Saúde. Seu núcleo inicial foi o grupo de comerciantes portugueses do lugar. Um dos fundadores da Banda foi o Sr. João "barbeiro", português nascido em 1904; ele se tornou personagem dessa história prestando dois depoimentos, gravados entre março e julho de 1998 na casa onde mora com a filha, em Niterói.

Nossa preocupação inicial foi encontrar pessoas dispostas a contar a história daqueles que fundaram as duas associações beneficentes, de preferência filhos ou netos deles, que tivessem crescido em Niterói acompanhando a vida urbana na primeira metade do século. A partir dos primeiros contatos com internos no Hospital Santa Cruz e com a comunidade que freqüenta a Banda Portuguesa, definiram-se os personagens e os depoentes, pessoas comuns que têm determinadas interpretações sobre os acontecimentos que envolveram sua comunidade naquele período, bem como uma forma peculiar de narrá-los.

Trabalhamos com a história oral como nossa principal fonte⁵, já que a própria entrevista se constitui no documento produzido, sem dúvida com interferência do historiador⁶. O texto da transcrição, que costuma ser manipulado como fonte, pode ser considerado uma interpretação do pesquisador; na realidade, as fontes orais são *criadas*

5 Nossas fontes foram basicamente documentos de família, os arquivos das instituições estudadas, o arquivo público do Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, o jornal *O Fluminense*, relatos escritos e principalmente depoimentos orais. Trabalhamos com agentes diretos do processo de imigração, com depoentes de primeira geração (filhos) e de segunda geração (netos), cujos relatos foram cotejados.

6 Tomamos como base o texto de Alessandro Portelli, O que faz a história oral diferente, *Projeto História*, n. 14, 1997, p. 25.

por ele. O documento oral tem, assim, a vantagem de não apresentar fatos absolutos e objetivos, mas colocar “a percepção social dos fatos”⁷ a visão do indivíduo. Mesmo as versões divergentes sobre o mesmo fato apenas enriquecem o trabalho do historiador, pois acrescentam novos *significados*. Neste sentido, concordamos com a perspectiva de que não há fonte oral falsa, porque o que se lembra é o que o fato significou, e as hesitações, os silêncios e as “mentiras” representam o esforço de buscar sentido no passado, em função do momento presente do narrador. Portanto, o documento oral deve ser interpretado como um documento sobre o presente, fruto de um *projeto* que envolve entrevistador e entrevistado e que lhe garante objetividade.

Entendemos história como uma elaboração sobre a atividade dos homens feita a partir de investigações, que constrói também uma certa narrativa a respeito da realidade. Portanto, queremos entender que tipo de conhecimento as narrativas de viagem e os relatos de vida nos podem facilitar. Sem dúvida não se trata de construir um quadro real ou verdadeiro do passado a partir desses relatos, mas de repensar questões, pressupostos e hipóteses já formuladas. Fundamentalmente, o que esse diálogo com o depoente ou com a narrativa dele permite é relativizar conceitos, no sentido de proporcionar uma aproximação do real. O depoimento oral, neste caso, pode também enriquecer o material disponível sobre esse grupo de pessoas, dando informações vindas de uma nova direção: a vivência interna do próprio grupo.

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros, e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir, mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual⁸.

O que nos interessou reter neste trabalho foi o que o depoente lembrou e escolheu para ser perpetuado por sua narrativa, o que se tornou verdade com o tempo, os conteúdos preservados pelas gerações. Em seu trabalho com lembranças de velhos, Eclea Bosi cita Maurice Halbwachs para definir o que chama de memória-trabalho: o esforço de reconstrução, de repensar, com imagens e idéias do presente, as lembranças de fatos passados. Lembrar, portanto, não seria reviver, mas sim refazer, e, conseqüentemente,

7 P. Thompson, *História oral: a voz do passado*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

8 Eclea Bosi, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

pode-se duvidar da sobrevivência do outrora “tal como foi”. É dentro dessa perspectiva que focalizamos a representação das trajetórias dos imigrantes, a partir do referencial oral e escrito – memória familiar – e da documentação disponível.

As imagens que imigrantes portugueses e seus familiares construíram da sua experiência numa terra estrangeira estão marcadas por suas preocupações, suas questões e seus valores do presente. Ao lembrar os acontecimentos que marcaram suas vidas, eles reconstróem essa trajetória, resguardando as referências que justificam suas narrativas, de acordo com a realidade e os argumentos de cada um. Existe uma necessidade de permanente confronto com o passado; a presentificação realizada pelo processo de reminiscência de cada um desses viajantes é também uma reconstrução da memória do grupo de referência; é um veículo da memória social e trabalha no sentido de construir a identidade do grupo⁹. A memória seleciona o que aparece como mais significativo, despreza o que considera irrelevante, e, às vezes, aparecem diferentes versões sobre os mesmos acontecimentos, dependendo de quem os relata e em que circunstâncias o faz.

Como pode ter sido o processo de formação de identidades sociais numa parte da colônia portuguesa de Niterói? Que relação teve com a elaboração da memória sobre a imigração lusa na cidade? Procuramos trabalhar a tensão entre este processo, que é histórico, e os relatos (a memória) que resgatam a épica, numa apropriação dessa herança imaterial pelos descendentes de imigrantes hoje, em Niterói. Para explorar essa dimensão arquetípica, comparamos os depoimentos orais e escritos com outros tipos de narrativa: um romance e dois relatos épicos. A maior parte dos depoimentos orais se refere a uma imigração em grupo, marido, mulher e familiares; em alguns casos, uma parte do núcleo familiar já se encontrava em Niterói, ponto de encontro da família mais extensa. O romance, que faz parte da documentação de família utilizada, foi escrito por uma filha de imigrantes¹⁰ e conta a história de José Motta (nome fictício) que chegou sozinho ao Rio de Janeiro em 1910, aos 17 anos. Fugindo de uma realidade que aparentemente o limitaria ao trabalho na roça, para o qual não se sentia atraído, José aventurou-se num daqueles navios que partiam regularmente de Portugal cheios de gente com projetos semelhantes ao seu: “fazer a América”. A maioria dos imigrantes ficou logo no Rio de Janeiro, como Motta, que de carregador no cais do porto chegou a ser sócio de um

9 Robert Frank, *La mémoire et l'histoire*, *Les cahiers de L'IHTP*, 1992, p. 65

10 M. L. Alba, *op. cit.*, 1994.

pequeno banco privado, o Irmãos Guimarães. Iam para Niterói, dizem os depoentes, os que tinham parentes esperando, os que vinham com um emprego arranjado ou os que tinham menos recursos.

Os relatos épicos que sustentaram nossa argumentação, extraídos da *Odisseia* e dos *Lusíadas*, foram escolhidos por serem relatos de viajantes em busca da *origem/destino*. O que nos interessou verificar por meio deles foi a possibilidade de que deixassem transparecer um *ethos*, um padrão ou modelo ideal de conduta, permeando a relação estrangeiro/gentio e balizando o campo onde ambos constroem suas trajetórias e identidades sociais. Assim, estabelecemos uma relação entre parte do processo imigratório e sua reconstrução pela memória, que resgata a narrativa épica. Os textos épicos foram usados no sentido de identificar, na narrativa dos depoentes, o modelo utilizado para construir a memória de seus antepassados ou de sua própria trajetória.

Portugueses e gregos

Com uma densidade de população moderada, um solo inteiramente ocupado (exceto alguns cimos mais elevados e areais da beira mar), uma agricultura pobre e uma indústria reduzida, a população portuguesa vive dentro de horizontes de trabalho muito apertados: em relação aos recursos a pressão demográfica é muito forte e a emigração¹¹ aparece como o seu inevitável remédio¹².

O personagem do viajante português do século XVI que se inscreveu no imaginário popular navegava em busca de ouro, grandeza e glória numa época de transição: entre outras mudanças, abria-se a possibilidade da conquista de riquezas pelo comércio, não mais a simples exploração da terra e se vislumbrava a oportunidade de crescer pelo esforço individual, numa associação entre mercadores e fidalgos. Foi um período de renascimento econômico e de grandes transformações sociais para Portugal. Vários setores da sociedade portuguesa – mercadores, comerciantes, artesãos, oficiais, funcionários públicos, setores da pequena nobreza – apóiam a política real de lançar-se ao domínio das rotas comerciais vizinhas, e não mais expandir-se na Península Ibérica¹². O alcance do processo expansionista lusitano surpreende, considerando-se o porte, a

11 Orlando Ribeiro, cit. Joel Serrão, *Dicionário da História de Portugal e do Brasil*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, p. 371

12 Francisco Carlos, “O descobrimento do Brasil”, em Ivan Alves (org.), *História pré-colonial do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Europa, 1993, pp. 147-166.

situação econômica e o reduzido número de habitantes de Portugal no período. No século XVI os portugueses já haviam conhecido o mundo inteiro – do Pólo Norte ao Estreito de Magalhães, as Américas do Atlântico ao Pacífico, África, Japão, China e Indochina, Oceania (Timor). A narrativa épica de Camões nos oferece um panorama abrangente do Portugal conquistador da época; fazendo uma riquíssima etnografia do “estrangeiro” oriental. Além disso, mostra o aspecto comercial da empreitada de Vasco da Gama e fala do imaginário do navegador português do século XVI. Essa verdadeira epopéia dos portugueses, que foi a expansão marítima, destacou-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo de certa forma o exemplo da colonização na Antiguidade, sobretudo da fénícia e da grega¹³.

Viajar, para os gregos da Antiguidade, também era um hábito, fazia parte do seu cotidiano tanto quanto se alimentar, dormir e acordar no dia seguinte. Limitado num território extremamente irregular e acidentado, o solo grego é na sua maior parte pouco fértil; as terras boas para agricultura sempre foram insuficientes para o conjunto da população. Para aquele povo o mar nunca estava longe, era difícil perdê-lo de vista e sua atração deve ter contribuído para dar início ao período de descobertas e aventuras que precedeu o movimento de colonização grega propriamente dito. As condições geográficas imprimiram naqueles homens o gosto e o hábito pelas coisas do mar – os egeus já eram considerados no início do segundo milênio os melhores marinheiros do Mediterrâneo oriental¹⁴. A conquista de novos horizontes também era impulsionada pela necessidade de solos mais férteis, única saída para os ambiciosos e para todos os excluídos pelas leis familiares gregas que limitavam o acesso à terra. A motivação da conquista pode ser também atribuída em grande parte ao espírito de aventura de um povo em formação que não estava preocupado só em fundar cidades, mas em procurar no mar as emoções e o imprevisível, elementos indispensáveis a todo conquistador.

Narrativas épicas

Algumas das aventuras desse povo foram contadas por Homero, o mais antigo poeta da comunidade lingüística européia e exemplo clássico de narrador épico da tra-

13 Paul Teyssier, “O século glorioso”, em Michel Chandeigne (org.), *Lisboa Ultramarina 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*, Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

14 Jean Hatzfeld, *Histoire de la Grèce Ancienne*, Paris, Payot, 1962.

dição oral da Antiguidade. O gênero épico, numa perspectiva arqueológica, diz respeito à palavra, à voz, ao discurso¹⁵. Na literatura, pode ser associado ao tema da imigração como conquista, na medida em que toda épica conta uma história sobre a fundação de culturas. Mas a “plenitude épica” está definitivamente ligada à obra de Homero¹⁶, o narrador épico por excelência. Considerado artesão e veículo do coletivo, sua voz é tecida a partir de outras, que conformam o corpo da cultura; os ouvintes reconhecem Homero porque ele representa as coisas como estão acostumados a ver e as vêem assim por que um outro poeta assim as mostrou a seus pais. A relação entre o narrador épico e seu público baseia-se, portanto, numa tradição que se perde no tempo e que se explica na capacidade do poeta em apresentar os fundamentos sobre os quais se constrói a identidade do povo. A epopéia teria a originalidade de mostrar os referenciais de uma comunidade que se “unifica à maneira épica” reconhecendo os fatos tal como o poeta os representa.¹⁷ Esta narrativa “... relata feitos de homens valentes. Denominam-se sobretudo heróis os homens dignos do céu pela sua sabedoria e valor”¹⁸. Nas sociedades de tradição oral, a repetição das histórias mitológicas teria a função de lembrar que os acontecimentos grandiosos ligados “às origens”, ao “passado glorioso”, podem ser recuperados parcialmente:

A imitação dos gestos paradigmáticos tem igualmente um aspecto positivo: o rito força o homem a transcender os seus limites, obriga-o a situar-se ao lado dos Deuses e dos Heróis míticos a fim de poder realizar os atos deles¹⁹.

Entendemos aqui o mito como uma representação histórica verdadeira, na perspectiva das sociedades arcaicas, que teria a função de fornecer os modelos para a conduta de uma comunidade, dando significação e valor à existência pela explicação das origens de tudo, seja do cosmo ou do comportamento humano em geral²⁰. Nosso ponto de vista é que a história de alguns imigrantes portugueses que chegaram no Brasil no princípio

15 Jacyntho L. Brandão, *Do Épos à epopéia*, *Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, Belo Horizonte (mimeo).

16 Emil Staiger, *Conceitos fundamentais da poética*, Rio de Janeiro, TB, 1975, pp. 14-15.

17 Idem, *ibidem*, p. 111

18 E. Robert Curtius, *Literatura européia e Idade Média latina*, Rio de Janeiro, MEC/INL, 1979, p. 183.

19 M. Eliade, *Mito e realidade*, São Paulo, Perspectiva, 1989, p. 128.

20 Cf. M. Eliade, *O mito do eterno retorno*, Lisboa, Ed. 70, 1989.

do século, com a perspectiva mais ou menos comum de “fazer a América”, é narrada hoje por seus descendentes resgatando a figura mítica do herói-redentor, personagem que representaria o modelo de conduta exemplar e os valores a serem seguidos pela comunidade. Essas narrativas reconstruíram os acontecimentos ligados à imigração portuguesa no início do século em Niterói, na memória dos descendentes, aproximando-os de um modelo mítico cujos referenciais seriam, por exemplo, o herói ideal, a mulher especial, a mitologia do retorno e da fortuna. A narrativa sobre a imigração legitima-se na medida em que foi construída dentro da comunidade e para ela mesma.

Entendemos que a sobrevivência de um certo pensamento mítico na sociedade moderna pode ser observada também na preservação de outros “mitos do mundo moderno” como o resgate de tradições e valores ligados aos heróis míticos da Antiguidade pelo imaginário da Revolução Francesa, a construção do mito do povo ariano na Alemanha nazista, o valor “mítico” atribuído a um carro novo em nossa sociedade ou o mito da democracia racial na sociedade brasileira, para citar apenas alguns. Além disso, a narrativa épica e o romance teriam a função de prolongar a narrativa mitológica, contando, como diz Eliade,

uma história significativa, relatando uma série de eventos dramáticos ocorridos num passado mais ou menos fabuloso... O que deve ser salientado é que a prosa narrativa, especialmente o romance, tomou, nas sociedades modernas, o lugar ocupado pela recitação dos mitos e dos contos nas sociedades tradicionais e populares. Melhor ainda, é possível dissecar a estrutura “mítica” de certos romances modernos, demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e dos personagens mitológicos (isso se verifica sobretudo em relação ao tema iniciatório, o tema das provas do Herói-Redentor e seus combates contra os monstros, as mitologias da Mulher e da Riqueza)²¹.

As batalhas entre deuses, semi-deuses e heróis teriam, portanto, fornecido os padrões e os temas pela tradição oral. Com o tempo e a secularização dos mitos, outras formas narrativas se desenvolveram a partir desses padrões, originando as formas literárias de recontar a história.

21 M. Eliade, *Mito e realidade*, p. 163.

A *Odisséia* de Homero pode ser interpretada como uma narrativa de retorno, contando as aventuras do herói no seu caminho de volta da guerra de Tróia para Ítaca, onde pretende reconquistar a esposa e o palácio, símbolo de sua própria identidade. Odisseu, chamado de “guerreiro solerte e astucioso”, ao ser aprisionado pelo gigante Polifemo na ilha dos cíclopes escapa usando essa astúcia, ao dizer ao monstro que seu nome era “ninguém”, antes de cegá-lo. Fazendo isso ele joga com a própria identidade, inventando um personagem, como, aliás, acontece em outras passagens da história – a mais famosa sendo a cena em que se faz passar por um mendigo em seu próprio palácio. Staiger lembra que a narrativa épica fundamentalmente *registra* acontecimentos, destacando a *identidade*. Assim os adjetivos servem para acentuar a imutabilidade e as situações podem retornar por meio do relato sem alterações: “o astucioso Odisseu”; “o belicoso Heitor”; “Aquiles de rápidos pés”; “Atena de olhos glaucos”, etc. As personagens ficam para sempre registradas, independentemente de onde apareçam. Podemos observar a mesma força da permanência manifestada na narrativa sobre os imigrantes e na prática rotineira dos seus descendentes que reivindicam esse passado heróico. Eles constroem identidades que se espelham nos pioneiros, viabilizando assim essa continuidade. Staiger observa que a repetição era uma necessidade da própria rapsódia baseada na improvisação e na existência de grande quantidade de versos que o poeta provavelmente intercalava enquanto lembrava o que viria a seguir. Ele aponta que

a alegria do retorno ao idêntico, o triunfo de que a vida agora não se escoia incessantemente como uma corrente mas é estática, permanecendo sempre idêntica a si mesma e deixando-se identificar, é tão marcante que qualquer leitor ingênuo pode percebê-lo e animar-se com a idéia de estar pressentindo primórdios da humanidade²².

O que o autor chama de “pressentir os primórdios da humanidade” pode ser identificado nas narrativas de nossos depoentes na atribuição de características “intrínsecas” e atemporais aos personagens imigrantes, repetidas por todos os narradores, como, por exemplo, a coragem, a solidariedade, a filantropia ou a previdência. Essas formas estereotipadas da narrativa homérica funcionariam para “exteriorizar” os acontecimentos em relação ao narrador, colocando-os “frente a frente” poderíamos dizer, para incluir terminologicamente a relação sujeito-objeto. A “apresentação”, nesse sentido, é a essência

22 E. Staiger, op. cit., p. 82.

da poesia épica que aponta, mostra. É importante considerar que narrativas desse tipo eram uma tradição não apenas na Grécia antiga mas no Oriente Médio e provavelmente no Mediterrâneo. O tema podia ser história, cronologia, pessoas e lugares famosos, instituições, tudo que pudesse ter algum interesse para a audiência. Essa era em parte formada por aristocratas, mercadores, colonizadores, piratas, pessoas que provavelmente haviam viajado pelo Mediterrâneo e entrado em contato com povos e culturas diferentes. Um exemplo clássico desse tipo de narrativa é a descrição das aventuras de Vasco da Gama feita por Camões, no século XVI. Apesar de pretender contar as glórias dos “homens ilustres”, o poeta português construiu um herói central e incluiu na narrativa suas conquistas anteriores. O próprio Camões havia se tornado um migrante, por imposição do rei D. João III, a pedido de um nobre que queria se ver livre do assédio do poeta à sua filha. A conquista de Ceuta, em 1415, marcou o início de uma longa e rentável exploração do comércio de escravos, trocados por tecidos europeus e por ouro com os árabes. Nesta empreitada engajou-se Luís de Camões, que perdeu um olho e começou a tomar gosto pela aventura. Em 1498, no reinado de D. Manoel (1495/1520), Vasco da Gama chega às Índias e esta epopéia é o tema dos *Lusíadas*, que celebra as vitórias do descobrimento. O poeta havia partido para as Índias após a campanha de Ceuta e de nova desilusão amorosa em Lisboa, com a mesma moça, e de ferir numa briga um fidalgo da Casa Real. Parte para Goa em 1553, participa de várias expedições e acaba sendo mandado para a China, por ter desagradado a Corte com suas sátiras aos cortesãos do novo vice-rei. Retorna às Índias em 1560 e quase perde os manuscritos do famoso poema num naufrágio. Consegue voltar a Lisboa em 1570, amargurado após uma vida inteira no exílio, pobre e doente; morre em 1580, quando se iniciava a agonia da nação portuguesa, com a derrota de Alcácer Quibir e o início da União Ibérica. Está presente no poema toda a história de Portugal, quando Vasco da Gama conta ao xeque de Melinde, nos cantos III, IV e V, os feitos dos navegadores que o antecederam e os dele mesmo. O estilo épico de Camões combina a vastidão espaço-temporal, a multiplicidade de culturas e aspectos sociopolíticos que transcendem os interesses individuais com uma narrativa contínua que, aparentemente, funde esse amplo campo de referências numa estrutura simbólica.

Podemos dizer que o poeta épico representaria a síntese de seu tempo e de seu povo; com seu canto ele estaria eternizando, presentificando as ações dos heróis ao mesmo tempo que realizando novamente essas ações. De maneira semelhante, os depoimentos, orais ou escritos, são um veículo da memória coletiva e trabalham no sentido de criar uma identidade tanto individual quanto grupal. “Recordando, o indivíduo age como instrumento coletivo da humanidade, se universaliza, quanto mais sua natureza individual se aprofunda, até atingir arquétipos básicos da humanidade comum”²³. Essas histórias são contadas como forma não apenas de “inventar” a tradição familiar e étnica, mas também de servir como exemplo para as novas gerações. A presentificação dessas ações é fruto de uma interpretação que se baseia num “padrão” de imigrante que as pessoas têm na cabeça e isso fica nítido nos depoimentos de Ana sobre a chegada do pai ao Brasil:

Ele veio sozinho, não conhecia ninguém aqui. Ele meteu a cara. Tinha o pai da minha mãe, ele trabalhava na fábrica de tinta para tecidos, no Barreto, mas não ajudou papai não. (...) Ele fez tudo sozinho. (1993)

Vieram minha tia Amélia, minha tia Guilhermina, mamãe, tio Manoel, tio Lucindo, papai (...) Foram lá pra Neves; mamãe disse que passou até fome.²⁴ (1996)

É nítida a importância que Ana atribui em sua primeira versão ao pioneirismo do pai, apesar de ter lembrado mais tarde que, na época da chegada, já havia um amigo de Albano que morava em Niterói e ajudou a família a se instalar. No entanto, o estilo meio épico-heróico vai dar a tônica de todo o seu discurso sobre o pai. Como lembra Michael Pollack, a memória não é construída arbitrariamente, ela se alimenta dos processos históricos e precisa ser contextualizada²⁵: a primeira versão construída por Ana se adapta melhor ao tipo de imigrante que vinha para o Brasil com o objetivo de

23 Franco Ferrarotti, Breve nota sobre historia, biografia, privacy, *Historia y Fuente Oral*, n. 2, Barcelona, 1989, pp. 51-5.

24 Ana Pereira do Nascimento, nascida em Niteroi, 1907, filha de imigrantes. Seu pai, Albano Pereira do Nascimento, foi um dos fundadores do Hospital da Beneficência Portuguesa de Niterói. Depoimentos à autora, 1993 e 1996.

25 Michael Pollack, Memória, esquecimento e silêncio, *Estudos Históricos*, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

enriquecer e depois voltar para a aldeia, comprar um pedaço de terra em Portugal. Apesar de não corresponder exatamente ao que aconteceu, a versão escolhida por ela na primeira entrevista reflete melhor a imagem do pai que havia criado com base num determinado tipo de imigrante-padrão: o herói que enfrentou tudo sozinho e venceu. Já de acordo com uma das netas de Albano, foi aparentemente uma imigração em grupo, como contam outros depoentes sobre seus antepassados.

Ele veio de Portugal em 1904 ainda jovem, com minha avó Maria, que trazia no colo meu pai Manoel, nascido no Porto, com um ano de idade; pequena bagagem e muito entusiasmo pelo trabalho. No Brasil tiveram mais seis filhos²⁶. (1996)

Podemos duvidar, nesse sentido, de muito do que nos contam os descendentes de imigrantes que se apóiam, na maioria das vezes, na memória, naquilo que “ficou gravado na lembrança”; além disso, as diferentes “versões” representam diferentes interpretações, ou seja, depende de quem conta a história. Na poesia grega, no entanto, não é à memória que o narrador pede ajuda para contar e, sim, às Musas, resultado da união de Zeus e Mnemosyne, que representam a memória organizada pelo poder²⁷. Mnemosyne é onisciente, segundo Hesíodo (*Teogonia*, 32, 38) ela sabe “tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será”, portanto, o poeta inspirado pelas Musas tem acesso não ao que passou, mas à *origem* das coisas. Homero, ao invocar as Musas, está garantindo a fidelidade ao seu canto, o poeta não *viu*, mas *ouviu* das Musas que estão presentes a tudo.

Musas, que o Olimpo habitais, vinde agora, sem falhas, contar-me
pois sois divinas e tudo sabeis; sois a tudo presentes;
nós, nada vimos; somente da fama tivemos notícia –
(...) (*Iliada* c. II, pp. 484 a 487)

A narrativa épica sempre esteve relacionada com a descoberta de origens, e um dos topos recorrentes é o relato do protagonista sobre sua terra natal. Da mesma forma como as lembranças podem ser uma maneira de o homem moderno “reviver” o acontecido, os cantos do poeta épico davam consistência à ação, cujo objetivo era a própria rememoração, realizando-a verbalmente para eternizá-la. Parece claro que o poeta está também criando uma coisa nova com o seu canto e não podemos ignorar que, ao

26 Alba Pereira, sobrinha de D. Ana e neta do Sr. Albano, depoimento escrito em 1996.

27 Jacyntho Brandão, op. cit.

relembrar as pessoas comuns também estão construindo uma narrativa diferente do que “realmente aconteceu”. De nossa parte, contamos com a memória, baseada na fama dos grandes e pequenos feitos de pessoas que foram transformadas em heróis dessa comunidade imigrante. As personagens, criadas por essas narrativas, parecem representações míticas de valores e conceitos próprios ao imaginário do viajante da Antiguidade, revividos seja no século XVI ou no século XX, mas também da mitologia cristã. A história que o Sr. Marinho conta sobre sua família no bairro da Ponta d’Areia, Niterói, é significativa:

...meu pai foi um herói, não o primeiro marido da minha mãe que eu não conheci (e que também era português) aquele que vendia Cristo e a família dele se estivesse junto (...) Sim este meu pai que eu digo sempre, que eu pouco conheci porque quando ele morreu eu tinha seis pra sete anos, esse que eu digo que foi um herói português, aquele que é o verdadeiro São José, que criou o menino Jesus, tomou conta de minha mãe... Aí vem a história, o herói português que é o meu pai, o São José, criou 5 filhos que não eram dele (...) tinha um destino marcado; ele criou aqueles seis menores dos seis aos doze, mas os dele ele não criou, foi o destino (...)²⁸.

Esse é um tipo de início muito comum nas histórias de vida dos descendentes e/ou dos imigrantes; uma trajetória heróica de resistência e adaptação às dificuldades. O pai é comparado a um santo cristão por ter dedicado a vida a criar filhos dos outros; impossibilitado de ver seus próprios filhos crescerem, morre como um mártir, supostamente por ter um cargo de destaque (o pai do Sr. Marinho foi atingido por um dos ganchos de transportar carga, durante o trabalho no navio).

A busca do “paraíso perdido”

A narrativa épica também pode conter um tipo de “apresentação” em que o passado ganha uma aura idílica de grandiosidade no estilo “época de ouro”, por meio de expressões como “naquele tempo”, “antigamente”, “na minha época”, etc., que jamais poderá ser igualada. Trata-se da idéia de “perfeição dos primórdios” alimentada pela recordação imaginária de um “paraíso perdido”²⁹. Emil Staiger observa que a narrativa

28 Antonio Marinho, nascido em 1910, filho de portugueses, metalúrgico aposentado, morador na Ponta d’Areia, Portugal Pequeno, Niterói, depoimento à autora em 1997.

29 Staiger, op. cit. p. 50; o autor acrescenta que essa idéia transparece nos enredos mítico-rituais do Ano Novo, p. ex.

de Homero mostra um distanciamento, em que o narrador se faz presente como tal, dirige-se às musas, apresenta as personagens como um objeto exterior a ele, que ao contrário destas mantém uma atitude “impassível” diante dos fatos narrados. O distanciamento é facilitado porque os acontecimentos estão no “passado”:

o autor épico não afunda no passado recordando-o como o lírico, mas o rememora. E nessa memória fica conservado o afastamento temporal e espacial. O longínquo é trazido ao presente, diante de nossos olhos, logo perante nós, como um mundo outrora maravilhoso e maior... Na *Iliada*, por exemplo, a distância é guardada ainda mais visivelmente com a afirmação sempre repetida de que na época em que se deu a guerra os homens eram ainda mais fortes. A fórmula “como são agora os mortais” minorava repetidamente a própria existência frente à grande existência passada: “Já convivi, noutros tempos, com mais vigorosos guerreiros do que vós ambos; no entanto, nenhum inferior me julgava. Não, nunca vi, nem presumo que possa ainda ver algum dia, homens do porte de...”³⁰

Ou seja, os contemporâneos de Homero são pequenos se comparados aos heróis antigos, como Heitor e Aquiles, que também são fracos se comparados a outros anteriores; assim, o ponto de referência é sempre o passado glorioso. É também essa a “lógica” da narrativa dos imigrantes sobre sua trajetória ou a de seus antepassados: apesar da difícil convivência entre imigrantes e nacionais no início do século no meio urbano, as narrativas só se referem às iniciativas vitoriosas de uma geração de “titãs”: falando sobre o pai, Ana só consegue dizer que “hoje em dia não sou nada perto do ele foi”; o Sr. João barbeiro repete sempre, em relação ao primeiro maestro da Banda Portuguesa: “aquilo é que era maestro, o resto é brincadeira”, “naquele tempo sim havia ordem, depois nunca mais”, “hoje se tenta, mas não conseguem chegar nem perto do que fomos”; o Sr. Waldyr atribui àquela geração de imigrantes portugueses dos anos 20 e 30 uma capacidade de empreendimento que teria sido responsável pela modernização de Niterói, etc.

Observamos também nos depoimentos a presença do “mito paradisíaco”³¹, o Brasil representado como verdadeiro “Eldorado”, possibilidade de sucesso, enriquecimento e liberdade em oposição a uma realidade difícil que passa a ser idealizada quando o “sonho” se torna concreto. A própria língua, aparentemente semelhante, torna-se um

30 Fala de Nestor, na *Iliada*, referindo-se aos guerreiros, cit. Staiger, op. cit. p. 79

31 Fátima de Souza Mendes, *Imigração e identidade feminina. Um estudo com imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro, Cadernos do IFCS*, n. 2.

elemento diferenciador no confronto com o “outro”, o brasileiro tomado como parâmetro, que traduziu na ironia das “piadas de português” a incompreensão, o choque cultural e a discriminação da maioria étnica.

Desde que chegou ao Rio, apaixonado pelo cenário grandioso de uma natureza exuberante e formosa, decidiu que ia ser brasileiro, custasse o que custasse. Havia escolhido aquela terra de coração e de alma e era ali que queria fincar a sua bandeira. Viera para lutar e vencer e queria conquistar para si um lugar naquela sociedade brasileira. Não lhe interessavam os outros imigrantes. Mantinha-se afastado deles o mais possível e não desejava ser identificado como mais um daqueles “galegos” pobres e analfabetos que andavam pelas ruas (...) mas foi por aí mesmo que teve que começar. Que outra alternativa lhe restava?³²

Neste caso ser “português” significava ser identificado com o “galego” pobre e analfabeto, personagem tão indesejado quanto o imigrante enriquecido e “explorador”, ambos atacados pela propaganda antilusitana no início do século. A narrativa refere-se ao personagem do romance José Motta, que inclusive tornou-se “brasileiro”, naturalizando-se logo que pôde para fugir do estereótipo criado em torno do imigrante português. Apesar disso, a narrativa do romance construiu um personagem com o mesmo referencial do imigrante mítico que aparece nos outros depoimentos sobre a colônia portuguesa em Niterói, na qual ser “português” significava ser trabalhador, prudente, perseverante e humilde, honesto, etc. Uma das depoentes conta que sua avó detestava ser chamada de “galega”, apesar da origem espanhola, e fazia questão de afirmar que “era portuguesa” com muito orgulho; o Sr. João “barbeiro” costuma pontuar suas histórias com adjetivos enaltecedores: “um português bonito, família bonita”, “um português distinto”, etc.

Poderíamos citar inúmeros exemplos de como se criou a imagem positiva desse personagem imigrante vivendo num ambiente hostil como deve ter sido o início do século no Rio de Janeiro. A idealização era tanta que os narradores jamais mencionam conflitos entre nacionais e portugueses, apesar do recrudescimento do anti-lusitanismo³³ (dificilmente Niterói teria ficado imune aos respingos desse conflito). A narrativa dos entrevistados construiu um “mundo ideal” para a comunidade imigrante, sem brigas nem confusões, um ambiente fraternal no qual “todos foram criados juntos como uma

32 M. L. Alba, op. cit., p. 39.

33 A esse respeito ver Gladys S. Ribeiro, *Cabras e pés de chumbo: os rolos do tempo. Antilusitanismo no Rio de Janeiro, 1890/1930*, Niterói, UFF (mimeo), 1987.

família”; um mundo que não existe mais, envelheceu e morreu junto com os fundadores. Estes, como autênticas figuras mitológicas, aparentemente pairavam “acima” do cidadão comum – cuja existência se prende a compromissos e interesses assumidos em sociedade –, apesar de perfeitamente integrados a ela.

O herói homérico, lembra Staiger, vive e atua por conta própria; sua pequena propriedade é suficiente para alimentá-lo; sua motivação para agir é determinada por seus sentimentos e pela tradição. Desta forma, ele constrói um mundo para si, como no exemplo clássico do acaso que leva o herói para Tróia com a missão de resgatar Helena, esposa de Menelau raptada pelo rei daquela cidade. No entanto, poucos acreditam que os heróis tenham partido por esse motivo. Teriam sido mobilizados pelo dever da honra e o prazer da luta³⁴. Novamente, essa lógica faz lembrar as narrativas sobre a formação de associações beneficentes e recreativas – que não apenas reproduzem um mundo à parte mas também são descritas como fruto do esforço coletivo da comunidade mobilizada prioritariamente por necessidades afetivas, lúdicas e emocionais. É claro que não se nega a importância econômica dessas instituições, mas os narradores enfatizaram sempre a motivação de se reunir, divertir-se, lembrar a pátria, acolher os que não tinham família, para depois mencionar a ajuda financeira.

O “benfeitor”

Os imigrantes partiam também em busca de sua identidade, que seria construída no processo de conquista de uma nova situação de vida. José Motta, personagem do nosso romance, chegou ao Rio de Janeiro em 1912, aos 17 anos, com um diploma de curso primário; trabalhou três anos como estivador no cais do Porto, economizando cada centavo que pudesse lhe abrir as portas de uma situação melhor e logo foi ser balconista. Em pouco tempo, tornou-se contador; daí a bancário foi um pulo e a “sorte” continuou a favorecê-lo: tornou-se homem de confiança do dono de um pequeno banco³⁵ que, ao morrer, deixou-lhe uma cota de participação acionária. Isso mudou a vida do Motta. Parece um verdadeiro conto de fadas a trajetória desse português que, literalmente, “fez” a América, como tantos outros no início do século.

34 E. Staiger, op. cit., p. 105.

35 Banco Irmãos Guimarães, no Rio de Janeiro.

O conceito de herói na literatura está vinculado aos padrões culturais, étnicos e ideológicos dominantes na sociedade em determinada época. O herói é criado de acordo com esse código, espelhando os ideais da comunidade ou classe social³⁶. Não resta dúvida quanto ao valor atribuído ao trabalho duro e ao esforço individual pela comunidade de imigrantes e por seus descendentes. As histórias se repetem, mas os protetores estão sempre presentes, garantindo a “ajuda” que faltava para ter o esforço reconhecido. Mesmo assim os narradores enfatizam o sacrifício e a persistência como as maiores armas com que os imigrantes podiam contar para superar suas limitações e ter êxito em seus projetos:

Papai chegava aqui na estação das barcas às 7 e meia. 8 horas andando depressa, às vezes correndo. Tinha até calos nos pés. Ai, botava o tamanco dentro da bolsa que ele levava e calçava a minha, o sapato, ele era caprichoso. Então o Visconde de Moraes, que era o dono da Cantareira, gostava muito dele e pegou papai calçando o sapato. Papai disse assim: – “Você sabe porque eu faço isso? Pra não gastar meu sapato, porque tenho filhos pra criar, tenho três filhos. Tenho minha cunhada, tenho sogra (...) estamos morando num buraco lá em Neves”.

E o homem respondeu: – “Você vai trabalhar aqui em Niterói, vamos consertar a Cantareira...”.

Eram uns barracos velhos, feios. Essa construção de hoje e o prédio dos Correios foram feitos por meu pai. (Ana, depoimento à autora, 1996).

(...) Na mão direita levava a cicatriz do rasgão que lhe fizera a vara de tocar os bois no campo, quando aos oito anos enfrentava diariamente essa tarefa. (...) Sua avó lhe havia comprado umas botinas para usar na escola. Ele andava da casa até bem perto da escola descalço, para não gastar as solas. Ai, se escondia atrás de algum matinho e colocava as botinas (...). (M. L. Alba, op. cit., pp. 23-24)

A versão contada por Ana sobre o “apadrinhamento” de seu pai pelo Visconde de Moraes, um dos mais bem-sucedidos empresários portugueses da cidade no princípio do século, é questionada por uma das netas de Albano; ela apenas confirma a participação do avô na reforma da Estação das barcas e do prédio dos Correios. A despeito disso, o episódio é repetidamente contado pela filha, que a cada oportunidade enriquece mais a descrição do penoso caminho percorrido pelo pai entre a casa e a Estação. Curiosamente, a segunda narrativa utiliza a mesma imagem da caminhada, que reedita a idéia de “peregrinação” que, na mitologia, acompanha todos os relatos de busca ou

36 Vítor M. de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1973.

conquista. Da mesma forma aparece a valorização de andar calçado, um símbolo da “urbanização” do trabalhador. O José Motta também seria recompensado pelos anos de penúria no campo; precisou fugir, esconder-se na casa do tio na cidade do Porto, conseguir embarcar como imigrante, para finalmente poder andar sempre bem calçado. É parecida também a descrição do Sr. Marinho do encontro que “mudaria sua vida”: desde os oito anos ele trabalhava e estudava; transportava material e refeições para os trabalhadores dos navios e das ilhas; aos 12 anos sua atividade chamou a atenção do Sr. José Vieira, mestre torneiro da Companhia Comércio e Navegação que resolveu lhe dar “uma chance”: levou-o para o estaleiro como aprendiz de torneiro. E ali Marinho trabalhou até se aposentar. São narrativas que mostram uma herança do período oral, quando a trajetória dos grandes heróis refletia os mitos de criação do mundo e do início de todas as coisas. Os relatos de vida de deuses, santos ou governantes legendários enfatizavam os acontecimentos da infância, que serviriam como prova de sua excepcional personalidade ou força, bem como de “características especiais”.

A capacidade de adaptação

Os avós de Ana haviam imigrado para morar inicialmente com o sogro de Albano, um espanhol que era químico numa fábrica de tinta no Barreto, bairro mais próximo ao centro de Niterói do que Neves. Mas qual não foi a decepção deles quando descobriram que o Sr. Antônio estava morando com a cunhada, uma belíssima espanhola que depois o roubou e deixou na miséria. D. Ana faz questão de enfatizar a indignação do pai com a traição do sogro:

Ele (vovô) tinha dinheiro. Meu pai teve que escrever para Portugal dizendo o que estava se passando aqui. aí coitada, minha avozinha veio com as duas filhas... Foram todos morar em Neves. porque meu avô não quis que eles soubessem o que estava se passando... Aí papai foi procurar o meu avô na fábrica e falaram. “ele está na casa da mulher” e meu pai “que mulher? A mulher dele está em Portugal!”. Aí ele foi lá e encontrou vovô com uma mulher muito chique, com empregados, tinha carruagem, porque naquele tempo ninguém usava carro. era carruagem. Bom ela, minha filha, botou ele na miséria. (Ana, 1993)

Percebe-se a idéia de uma chegada um pouco traumática, do ponto de vista afetivo, moral e financeiro, que podemos identificar como parte das provas do herói: vencer dificuldades, mostrar sua capacidade de superar e se adaptar aos desafios. É como o

Sr. João descreve sua primeira experiência de trabalho, espécie de batismo em que conseguiu mostrar que era um “verdadeiro português”, abrindo mão do desejo e submetendo-se à disciplina familiar. Sua narrativa cheia de orgulho, da qual apresentamos apenas trechos, desce aos detalhes surpreendentes como o nome das pessoas da época, suas características e trejeitos; sua voz muda de entonação para interpretar os diferentes personagens da história e ressaltar os momentos mais dramáticos:

Eu morava com meus tios; queria ser torneiro mecânico; já tinha emprego arrumado na Ilha do Viana (...) Meu tio proibiu: “Você vai ser barbeiro”. Não estudei nada, vim da roça, mas aprendi tudo. (...) Eu levantava, tomava café às 5:30 junto com ele; trabalhava no bote São João do meu tio e do meu primo Domingos; levava 22 pessoas em frente à ilha de Santa Cruz no Wilson Sons; saía às 6hs; 15 prá 7 estava na barbearia. Um dia eu estava fora da porta com um grupo de amigos conversando. Meu tio chegou, não disse nada, fiquei quieto de cabeça baixa. Quando foi na hora de dormir ele disse: “Escuta aqui meu filho você quer aprender a arte de barbeiro ou quer ser vagabundo? Na nossa família não tem vagabundo não; você não vai ser vagabundo. Ou tu aprende ou eu te mato”. No outro dia de manhã fui trabalhar; chegou um freguês, ainda lembro o nome dele, Antônio, caixeiro no botequim do Sr. Vinhas. Aí fiz a barba dele, tinha uma barba cerrada e falou: “João, a navalha tá boa, tá muito boa a barba, estou gostando”. Quando acabei de fazer a barba dele o seu Francisco chegou perto de mim e disse “Meus parabéns”; apertou a minha mão e me beijou aí eu comecei a trabalhar. Não era aquilo que eu queria, queria ser mecânico, mas meu tio não quis, eu fiz a vontade a ele; trabalhei até os 86 anos, deixei por causa da minha vista. (Sr. João, depoimento à autora. 1998)

Estão aí alguns componentes do imaginário do português imigrante como renúncia, sacrifício, disciplina, a importância do trabalho, capacidade de adaptação, tudo devidamente valorizado pela narrativa: o trabalho em dois turnos, a vergonha pública de apanhar na rua, a falta de opção (“ou aceita ou te mato”), o bom desempenho apesar da dificuldade da tarefa (barba cerrada) e a aceitação final do “pai” selada com um beijo. Tendo o Sr. Francisco como primeiro “protetor” e contando com a ajuda do tio, o Sr. João acabou comprando sua própria barbearia; construiu um patrimônio do qual não fala, mas que lhe permite uma vida confortável até hoje.

Idealização, nobreza e trabalho

O herói épico é um tipo de pessoa ideal, cujas principais virtudes são nobreza de corpo e alma, força de vontade espiritual, concentração, domínio sobre si mesmo e

sobre o mundo dos instintos. A vontade tem por objetivo alcançar o poder através da responsabilidade e inspirada pela audácia. Assim é que em alguns relatos as personagens imigrantes são descritas como despojadas, obstinadas pela idéia da vitória e obcecadas pelo trabalho:

1912-1927. Como passara rápido o tempo. O caminho fora difícil. Durante aqueles dez anos, sofrera as agruras de um imigrante recém-chegado. Foram anos de solidão, de falta de tudo, de fome e até de maus tratos. Que jovem imigrante não os sofrera? (...) Mas jurou que seria por pouco tempo. Comería o pão que o diabo amassou, mas sairía adiante em três anos.(...) Comía uma vez por dia, dormia no próprio armazém e só comprava roupa quando a que usava estava em frangalhos³⁷.

Ele morreu muito cedo, com 68 anos. Papai trabalhava muito. (...) Papai não gostava muito de baile não. Gostava de trabalho e de família.(...) Ajudava muita gente, muitos nunca pagaram a ele. Também, ele não se incomodava. Não gostava que usassem o nome dele como doador; Não quis que fizessem estatueta pra ele lá em baixo (no saguão do Hospital da Beneficência Portuguesa, Niterói). Coisas grandes assim ele não gostava. Dizia: "Eu quero ser pequenininho, eu nasci pequeno". (Ana, depoimento à autora, 1996)

O imigrante personagem do romance, apesar de também ter conseguido se tornar um homem bem-sucedido financeiramente, até mais do que o pai de Ana, teve trajetória bastante diferente deste e, conseqüentemente, sua visão da nova terra também foi outra. Criado por uma avó camponesa que se passava por sua mãe, José Motta nunca soube quem foi seu pai e trabalhava duro no campo desde os oito anos. Andava cerca de dez léguas por dia para terminar o curso primário e poder morar com o tio na cidade do Porto, de olho na possibilidade de mudança.

Ele fizera o impossível para fugir ao seu destino camponês. No Porto tentara durante anos adaptar-se ao gênio do tio Manoel (...) quando soube que um outro tio seu vinha para o Brasil, não teve dúvidas. Decidiu vir com ele. Falava-se muito naquela época do progresso e do crescimento da cidade de São Paulo e do porto de Santos. Trabalho não faltava.

A história de José, em Portugal, é semelhante ao que o Sr. João "barbeiro" conta sobre sua vida na aldeia. Ele também trabalhou desde cedo na roça, foi criado pela avó e não tem boas lembranças do pai. A história que se conta sobre os primeiros anos do Motta no Brasil, entretanto, é diferente daquela narrada pelos portugueses que se esta-

37 M. L. Alba, op. cit., pp. 32, 39-40.

beleceram em torno do Centro Musical ou da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói. A colônia do José era o grupo de imigrantes pobres que vivia nos cortiços nas imediações do cais do porto, amontoados em cômodos mal ventilados e iluminados, sem higiene ou privacidade, numa solidão promíscua e barulhenta, povoada de lamentos. Seus amigos peregrinavam pelas ruas da cidade vendendo garrafas vazias, jornais, alho, cebolas e vassouras.

Seus pregões recordavam o velho cantarolar das suas aldeias, mas para os brasileiros era a repetição moderna dos antigos pregões dos pretos escravos que na época do Império apregoavam seus produtos pelas ruas daquela mesma cidade.

O paralelo entre português e negro refere-se à marginalização, mesmo que por motivos diferentes. Apesar da narrativa mostrar que o cotidiano de José era freqüentado por essas figuras durante os primeiros anos de sobrevivência no Rio de Janeiro, seu personagem nunca se mistura com eles, está sempre acima do ambiente triste e estereotipado do imigrante pobre. Neste ponto aproxima-se da narrativa sobre a colônia lusa da Ponta d'Areia, Niterói, que “deixa de fora” os trabalhadores negros, necessariamente presentes naquele bairro portuário.

Alguns patrícios da convivência do Motta melhoravam de vida quando conseguiam montar seu próprio negócio ou arranjar um emprego fixo, o que não os livrava do trabalho duro, pelo contrário. Para muitos destes o sucesso acontecia quando já estavam cansados e velhos demais para aproveitar, mas esse não foi o caso do José Motta. Aos 22 anos tornara-se contador de uma pequena firma e morava numa pensão razoável para os padrões da época; aos 38 passou a ser contador do Banco Irmãos Guimarães, sustentava duas famílias (sua esposa, sem filhos e a amante com quem tivera uma filha, autora do romance) e assimilara a sofisticação de sua vida nova. “*Passou a freqüentar clubes mais exclusivos e a deixar de lado os antigos hábitos. Quase sem perceber, ia mudando de temperamento. Cada vez ficava mais sério, mais solene e menos alegre*”³⁸. A essa transformação correspondeu um afastamento da convivência com a colônia patrícia que, aparentemente, começava a sufocá-lo; o distanciamento, no entanto, significou também um empobrecimento (“ficava menos alegre”), como se o Motta estivesse negando o “verdadeiro espírito lusitano”; paradoxalmente, a riqueza trouxe a infelicidade, a solidão e inclusive sua morte “misteriosa”, que a autora sugere ter sido articulada maquiavelicamente pela terceira esposa:

38 M. L. Alba, op. cit., p. 60.

Nunca se desvendou totalmente o mistério que tingiu sua morte de suspeita e traição (...). Morreu desnutrido, sozinho e nu, como nasceu. Ele, que fora tão rico e sempre tão solicitado por amigos e amantes. Morreu despojado de tudo, envolto no mistério do segredo nunca desvendado de sua paternidade e da incógnita da sua morte, lutando (...) As águas escuras da morte foram mais fortes do que ele e o levaram de roldão por suas correntes desconhecidas³⁹.

Ou seja, o novo *status* afastou-o do convívio com a colônia e isto o transformou num homem triste e solitário, a ponto de cair numa suposta armadilha que provavelmente teria provocado sua morte. Neste ponto, o romance resgata pelo avesso a idéia presente nas narrativas sobre as instituições beneficentes de Niterói: a comunidade imigrante como referência afetiva, familiar, garantia de permanência dos valores associados ao personagem mítico do imigrante português.

O Brasil, para o personagem de José, representava “a terra da promessa, o lugar onde ele se libertaria da sua humilhação de mal nascido e se tornaria rico e respeitado”⁴⁰. É a mesma idealização da esposa do Sr. Albano, Maria, e de tantos outros cujas histórias são contadas por filhos e netos. O Brasil era o “Eldorado”, oportunidade de progresso, de realizar o mito da fortuna que possibilitaria o retorno vitorioso.

Ernest Curtius diz que, possivelmente, as poesias homéricas teriam sido criadas por imigrantes jônios obrigados a abandonar o seu culto aos mortos, impossibilitados de carregar os túmulos de seus pais. Homero representaria, assim, a construção do herói colonial da Ásia Menor, o homem “excelente” que após a morte tem a graça de alcançar a imortalidade, contando com a intervenção divina em sua vida mortal; é o que o autor chama de “aparato divino épico”. Em Homero, o verdadeiro herói não é Aquiles, mas sim Nestor, o conselheiro, já que a velhice contém sabedoria e experiência. Odisseu, também mais velho que Aquiles, é comparado a Zeus em prudência e parece ter em proporção certa o heroísmo, a capacidade guerreira e a sabedoria. Não é por acaso que a neta de um dos nossos personagens imigrante descreve o avô como “o oráculo dos patrícios mais velhos que não faziam nada sem se aconselhar com vovô” (Ani, 1997). No mesmo depoimento, esta narradora falou dos “poderes curativos” da avó e de sua provável origem nobre:

39 M. L. Alba, op. cit., pp. 195-196.

40 Idem, ibidem, p. 68.

Minha avó, que era de origem basca, teve uma bisavó que foi princesa espanhola. Os documentos estão lá em Portugal. (...) Minha avó era meio bruxa, aprendeu com minha bisavó a conversar com as plantas e desenvolveu poderes curativos e mediúnicos.

Um aspecto comum às narrativas sobre a imigração é a presença de figuras femininas com misteriosos poderes e donas de uma força superior aos homens. Na maioria das vezes, são pobres camponesas que assumiram a direção da família extensa na ausência dos homens, que teriam provavelmente imigrado ou simplesmente desaparecido. Em outros casos, a mulher vive à sombra de um marido poderoso, bem de acordo com o modelo da época, e, quando se vê desamparada, torna-se a personagem dominante da casa, superando as outras figuras masculinas. Esse poder feminino “invisível” foi interpretado pelo imaginário popular da época numa frase, entalhada num quadro que a avó de Ani mantinha pendurado na parede, a despeito dos protestos do marido: “A casa é minha, mas quem manda é minha mulher”.

Falando sobre o Sr. Albano, tanto a filha quanto as netas concordam em relação à sua generosidade. Ajudava os pobres, era bom patrão, pagava um salário extra aos funcionários no final do ano, isso antes da regulamentação do décimo terceiro salário; construiu casa para todos os filhos, enfim, um homem com *todas* as qualidades, exemplar.

Papai, no dia em que embarcou pra Portugal, deu a seu Bento, que era fogueteiro, 4.000 cruzeiros, que naquela época era dinheiro, pra ele fazer uma casinha lá no Fonseca (Niterói)...

Pagava bem mesmo os empregados. Eles diziam assim: “Ah, mestre, tem demais”. E papai respondia: “Esse mês fizestes mais duas horas”. Papai tinha uma carpintaria para não pagar as portas, as janelas que fazia (...) assim, os empregados eram todos protegidos de papai. (Ana, 1993)

Outra atitude excepcional deste homem aconteceu durante o ataque da “gripe espanhola”, nos anos 20, anunciada com alarde nos jornais de Niterói⁴¹ e fortemente marcada na memória dos que a vivenciaram. Ani conta que os imigrantes recém-chegados da Europa eram obrigados a cumprir quarentena na Ilha das Flores e lembra também de um episódio de heroísmo envolvendo seu avô, então já estabelecido como empreiteiro naquela cidade. Durante a epidemia, o Sr. Albano foi chamado para fazer

41 Conforme, p. ex., o jornal *O Fluminense* de 12/2/1920, primeira página, que anuncia a chegada da gripe à cidade, acusando seis casos no centro de Niterói. BN.

um reparo no abastecimento de água do único hospital da cidade na época, o São João Batista. Chegando lá, verificou horrorizado que havia dezenas de mortos amontoados numa das enfermarias; o serviço funerário da cidade não conseguia dar conta do crescente número de vítimas. A própria filha dele e nossa depoente, Ana, estiveram entre a vida e a morte por conta da gripe espanhola. O Sr. Albano não teve dúvidas, trouxe o carrinho de mão que usava nas obras e transportou todos os corpos, junto com os médicos voluntários.

Os relatos da filha e da neta sugerem uma pessoa que parece pairar acima dos homens comuns, com ilimitada capacidade de autocontrole, disciplina absolutamente metódica e controle absoluto sobre as pessoas. É o mesmo tipo de idealização feito pelo Sr. Waldyr, que fala do pai como um metódico incorrigível incapaz de ler o jornal se não estivesse rigorosamente “ponta com ponta”. Além disso, mantinha a rotina doméstica rígida e um clima de confiança entre todos da casa, “deixando sempre o dinheiro do dia-a-dia à mostra”. Esse ambiente de disciplina tão ferrenha, descrito por rigorosamente todos os depoentes, era amenizado e *humanizado* pelos encontros comunitários ou reuniões de família que proporcionavam o clima festeiro tão caro aos imigrantes.

Conclusão

Nesta tentativa de entender a construção das identidades sociais numa parte da colônia imigrante portuguesa de Niterói, concluímos que os personagens das narrativas, apesar de não serem “reais”, representaram, através de suas trajetórias, que foram verdadeiras, os modelos sobre os quais os narradores construíram suas identidades, como filhos e netos desses personagens. Estes, por sua vez, ao recuperarem o conteúdo de certas experiências “originais” ou realizar o que nas sociedades arcaicas seria “um retorno às origens”, fizeram uma rememoração meticulosa e exaustiva de eventos pessoais e históricos, “reconstruindo” o passado a partir da memória. O resultado desse esforço foi um personagem imigrante que não pode ser encontrado em nenhum livro, muito embora seu conhecimento seja indispensável para quem deseja saber mais a respeito do processo migratório luso para o Brasil no século XX. Esta tentativa de aproximação com o conhecimento identifica-se com a idéia de Alessandro Portelli sobre o trabalho com fontes orais:

Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos: os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com

as representações, tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações⁴².

A preocupação em recontar, repetir para evitar o esquecimento, fazia parte do trabalho dos poetas nas sociedades ainda majoritariamente iletradas. A aprendizagem, no entanto, é identificada por Platão como *reminiscência*, retorno a alguma coisa que já foi vista antes e se contrapõe à memória poética. Esta seria inspirada pelas musas, que dizem a verdade, mas também podem mentir (Hesfodo) e estão sempre realizando uma imitação. Os gregos se preocuparam em preservar a memória de fatos importantes que poderiam ensinar alguma coisa às pessoas, com a mesma intenção de Homero – guardar a tradição para educar. Isso sem deixar de lado a digressão, tão presente nas narrativas de pessoas mais velhas, quando falam sobre os acontecimentos do passado, inevitavelmente misturados a um sem-fim de histórias paralelas e detalhes que abrem novas e intermináveis janelas. O resultado da tensão entre processo e narrativa, e que acabou sendo nosso ponto de chegada, é apenas mais uma história portuguesa, com certeza, apesar de contada e escrita por brasileiros.

42 Alessandro Portelli, “O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum”, em Marieta Ferreira e Janaína Amado (orgs.), *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, FGV, 1996.